

Joaquim Manuel
de Macedo
Memórias do sobrinho
de meu tio

Organização e notas de
FLORA SÜSSEKIND



Copyright da apresentação © 2011 by Flora Süsskind
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Publicado originalmente na coleção Retratos do Brasil
(Companhia das Letras, 1995).

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO
Lúcia Leal Ferreira

REVISÃO
Huendel Viana
Carmen S. da Costa Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Macedo, Joaquim Manuel de, 1820-1882.

Memórias do sobrinho de meu tio / Joaquim Manuel de Macedo; organização e notas de Flora Süsskind. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-63560-21-6

i. Romance brasileiro i. Süsskind, Flora. ii. Título

11-04102 CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:
i. Romances : Literatura brasileira 869.93

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAR SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500 Fax (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução — Flora Süsskind	7
MEMÓRIAS DO SOBRINHO DE MEU TIO	
Prólogo	19
Memórias	37
Post-Scriptum	357
<i>Cronologia</i>	359
<i>Sugestões de leitura</i>	369

Prólogo

Faço com a indispensável solenidade literária a declaração de que vou escrever as minhas *Memórias*, entro, sem dizer por quê, na teoria do único amor, retrato os meus semelhantes, escorrego do prólogo acima ou do prólogo abaixo e caio sobre um animal que não posso classificar, cuja cara porém descrevo, e desasadamente ando às ton-tas entre as regras do prólogo e a filosofia da escola de que sou sectário e é mestre o governo do Brasil; digo e me contradigo, prometo e falto, juro e perjuro, e não levo ainda além a extravagância, porque termino o prólogo.

Escreverei as minhas *Memórias* e portanto a história da minha vida, vida jeitosa e ilustre, como a de muitos outros varões ilustres da nossa terra que são o meu retrato por dentro, embora nenhum deles queira se parecer comigo por fora.

Semelhança por dentro, dessemelhança por fora é simples questão de aparências que no fundo não pode prejudicar a fidelidade do retrato da família, pois que os pronunciados traços característicos que denunciam a nossa irmandade estão muito mais no miolo do que na casca.

Escreverei pois as minhas *Memórias*, serei o Plutarco¹ de mim mesmo, fato mais frequentemente do que se

¹ Plutarco (c.46-c.120): biógrafo e filósofo grego, autor das *Vidas paralelas*.

pensa observado no mundo industrial, artístico, científico e sobretudo no mundo político, onde muita gente boa se faz elogiar e aplaudir em brilhantes artigos biográficos tão espontâneos como os ramalhetes e as coroas de flores que as atrizes compram para que lhos atirem na cena os comparsas comissionados. Eu reputo esta prática muito justa e muito natural; porque não comprehendo amor e ainda amor apaixonado mais justificável do que aquele que sentimos pela nossa própria pessoa.

O amor do eu é e será sempre a pedra angular da sociedade humana, o regulador dos sentimentos, o móvel das ações, e o farol do futuro: do amor do eu nasce o amor do lar doméstico, deste o amor do município, deste o amor da província, deste o amor da nação, anéis de uma cadeia de amores que os tolos julgam que sentem e tomam ao sério, e que certos maganões² envernizam, mistificando a humanidade para simular abnegação e virtudes que não têm no coração e que eu com a minha exemplar franqueza simpliflico, reduzindo todos à sua expressão original e verdadeira, e dizendo, lar, município, província, nação, têm a flama dos amores que lhes dispenso nos reflexos do amor em que me abrasso por mim mesmo: todos eles são o amor do eu e nada mais: a diferença está em simples nuances determinadas pela maior ou menor proporção dos interesses e das conveniências materiais do apaixonado adorador de si mesmo.

*Exempli gratia:*³

Façamos de conta que o mundo acaba de ser felicitado e enobrecido pelo nascimento de senhor *Qualquer-Cousa*.

O senhor *Qualquer-Cousa* ama o lar doméstico pelos seios da ama que o aleita, depois pelas bonecas que lhe dá a mãe, mais tarde pelo pequirá⁴ que o pai

² Pândego, brincalhão.

³ “Por exemplo”, em latim.

⁴ Cavalo pequeno.

comprou para ele: cresce em anos e ama o município porque é aí escrivão, ou coletor de rendas públicas; passa a amar a província, porque é arrematante de obras provinciais, oficial de secretaria, ou diretor disto ou daquilo: sobe ao amor da nação porque tem por ofício ser presidente de província, já é deputado, e deseja muito a morte de um tio que é senador, para ver se lhe apanha o legado da cadeira dulcíssima dos augustos e digníssimos ex-candidatos eleitorais.

Pergunto agora: o senhor *Qualquer-Cousa* não é o espelho fiel em que se reproduzem as imagens da maior parte dos nossos beneméritos? Como querem que eu sinta e pense, como devo pensar e sentir em um país cujas altas escalas sociais estão principalmente ocupadas pela numerosa família dos senhores *Quaisquer-Cousas*?...

Ainda não dei princípio às minhas *Memórias* e já em meia dúzia de linhas fiz brilhar os retratos de uma grossa⁵ dos beneméritos atuais da nossa pátria.

Essa consideração serve para assinalar a extraordinária importância da obra monumental que me propõe a escrever.

Convenho em que já me desviei um pouco do assunto especial e obrigado do prólogo de um livro, o que é erro grave, porque o prólogo é sempre uma causa séria e estúpida, como a cara oficial de um ministro de Estado em dia de crise do gabinete; note-se porém que eu disse — *cara oficial* —; porque todo ministro de Estado tem, pelo menos, uma cara natural, e uma cara oficial; e há ministro de Estado que tem mais de cinquenta caras.

O ministro de Estado polifronte não é raro; é porém um animal que ainda precisa ser estudado cientificamente.

Declaro que tenho profundos conhecimentos de zoologia; mas nem por isso me foi possível até hoje classificar com segurança o ministro de Estado polifronte.

5 Doze dúzias.

O mais que pude estabelecer, não sem dificuldades e objeções de algum peso, é que esse animal pertence ao tipo dos vertebrados; chegando porém ao exame da classe que lhe deve competir, não dei um passo nem para diante nem para trás, porque o curioso animal se acha muito bem colocado em qualquer das cinco classes daquele tipo.

Que é mamífero, não se pode contestar, pois aleita, embora à custa da nação, centenas de filhotes que compõem a sua imensa ninhada que se chama ou é a maioria artificial que ele próprio engendra.

Que é ave, tudo o demonstra; porque não só modula e trina, e ainda conforme as suas numerosas espécies, este é águia pelo voo, aquele águia pelas unhas, um papagaio que repete o que lhe ensinam, e dá o pé a seu dono, outro coruja pelo símbolo que representa; mas também porque a oposição o depena, e o deixa, pelo menos, sem asas, poupando-lhe as penas da cauda para que esta se mostre completa na exposição dada ao público.

Que é réptil, tudo indica, porque rasteja pela terra, e morde até a quem o aqueceu no seio, como a serpente; é guloso, devorador a ponto de engolir sem mastigar, como o jacaré; e assemelha-se à tartaruga pelo número dos ovos que empolha, e pelo das tartaruguinhas que vai arranjando para glória da nação.

Que é anfíbio, todos sabem, pois é capaz de viver no mar, e na terra, e até viveria perfeitamente no inferno: onde não pode viver é no céu.

Que é peixe, ninguém o ignora, porque em primeiro lugar a isca é a sua paixão; em segundo tem escamas com as quais nada para o sul ou para o norte, conforme as marés cheias do seu interesse; e em terceiro lugar, porque tem espinhas, e tão grandes que há muitos anos anda o Brasil engasgado com elas.

Como se há de classificar um animal assim?

Buffon⁶ se limitaria a descrevê-lo, e descrevendo-o, ocupar-se-ia em falar das caras do ministro de Estado polifronte sem meter-se em camisa de onze varas,⁷ pretendendo decifrar-lhe o coração.

E que multiplicidade de caras!

Cara de organização de gabinete, expansiva e pronta para exprimir todos os sentimentos.

Cara de apresentação de programa, com ares de sacrifício, insondável, grave, dura, como a do convidado de pedra.

Cara de primeiro dia de conselho no paço, meiga, contemplativa como tendo a alma em *extasis*, comprida e fazendo sempre inclinações de cima para baixo, como a de manso cavalo de montaria.

Cara de arranjo de maioria, risonha, alentadora, promissora, e até patusca; mas pronta a modificar-se em ameaçadora, colérica, vingativa, como a face de Júpiter ao empunhar o raio.

Cara de dia de despacho na secretaria, amarrotaada, enfadada, malcriada e tudo que acaba em ada.

Cara de hora de aperto por emprego que pouco antes dera, cedendo ao empenho de um compadre *imprescindível*, e apesar dos compromissos tomados com um deputado ministerial que pedira o arranjo para si e que com ele contava: cara mefistofélica, enrugada, misteriosa, transpiradora de segredo fingido, dizendo em contrações eloquentes: “que havia de eu fazer? o homem não quis...”.

Cara de resposta à oposição em minoria, sarcástica, desprezadora, soberba, como a de quem manda plantar batatas a todo ignóbil vulgacho.

6 Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-88): naturalista francês, autor de *História natural* (1744-88) e *Épocas da natureza* (1779).

7 Achar-se em dificuldades.

Cara de crise que começa a pronunciar-se, aquela cara séria e estúpida que eu chamei de prólogo, e que melhor se chamará cara de epílogo de romance desconchavado, ou de desfecho de comédia burlesca.

Cara de crise sem remédio e sem remendo, e de queda sem recurso, transtornada, quase chorona, desconsolada, como a de ator que fez fiasco e que é despedido pelo empresário da companhia.

Quantas caras e todavia não são só estas!

Mas estas só que caras!

Vou reproduzi-las em miniatura.

Cara de nenê que faz festa, vendo a teteia que vão lhe dar.

Cara de Tartufo⁸ representando a primeira cena de hipocrisia.

Cara de animal de sela que parece pedir que o cavalguem.

Cara de mercador de verduras que trata de arranjar freguesia.

Cara de vilão que se acha com a vara na mão.

Cara de mordomo que caloteia a confraria e lança a culpa sobre o juiz.

Cara de Nabucodonosor⁹ pouco antes de comer capim.

Cara de comilão quevê o caldo entornado.

E cara de dançarino que torceu o pé em uma pírueta.

Há muitos ministros de Estado... vou mal: os ministros de Estado são sete, e sete não são muitos.

Corrijo o erro em que ia incorrendo.

⁸ Referência ao personagem da comédia *Tartufo, ou O impostor* (1664), de Molière (1622-73), cujo nome passa a ser empregado como uma espécie de sinônimo de hipócrita, impostor.

⁹ Rei da Babilônia de 605 a 562 a.C., responsável pela destruição da cidade e do templo de Jerusalém. Segundo a lenda, enlouqueceu e pôs-se a comer capim, como um animal.

Tem havido muitos e haverá ainda agora e no futuro (vejam que me estou segurando pelas pontinhas) alguns ministros de Estado que são homens e diferem muito do animal que não pude classificar, ministros (por me apertarem muito) que não têm algumas, e enfim (se me apertam a sufocar!) nenhuma das caras que desenhei.

Não ofendo pois diretamente a quem quer que seja: não admito que haja ministro de Estado, passado, presente, nem futuro que tenha o direito de queixar-se ou de ressentir-se do que com inteira verdade acabo de escrever; se algum porém se queixar, podem ter a certeza de que é o bicho.

Mas...

Lá se foi a regularidade, a pureza artística do meu prólogo! Estou vendo que ele acaba em moxinifada¹⁰ tão patente, em observação das regras tão às avessas, e em engano tão às direitas, que me acharei obrigado a trocar-lhe o nome de prólogo pelo de — *memorandum*¹¹ diplomático ou declaração de amor de namorado de velha rica, o que vem a dar na mesma cousa.

Não: assim não será: jurei que escreveria um prólogo para a minha obra.

Não saio mais do prólogo.

Continuo: e para ligar as ideias cujo fio cortei, lá vai uma tirada da mais pura filosofia.

A vida do homem é um enorme acervo de erros misturados com um punhado de acertos abismados em um dilúvio de niilidades. Cada erro, cada acerto, cada niilidade é obra de um momento quase imperceptível que se chama o *presente*, e vão todos se ajuntando em montões mais ou menos escuros que formam o *passado*, sorvedouro imenso, que tem o tragadouro aberto para engolir os desenganos que têm de sair do

¹⁰ Mixórdia, mistura de coisas diversas.

¹¹ Nota sobre determinada questão.

seio misterioso de um monstro que está sempre em gravidez de esperanças e em parto de desilusões e que se denomina *futuro*.

O *presente* (já alguém o disse, e, se ninguém o disse, digo-o eu agora) é o espaço que medeia entre o *taque* que bateu e o *tique* que vai bater a pêndula do relógio da vida.

A vida humana é portanto uma peta homérica e tremenda; pois consta principalmente do que não existe; porque sem cessar corre entre o tempo que já passou, e o tempo que ainda não chegou.

Todavia os homens de juízo, aqueles que observam com escrupulosa solicitude o culto de seu eu, descobrirão o segredo de iludir a peta homérica, a lei da natureza, reduzindo ou antes elevando a vida exclusivamente ao presente.

A causa parece absurda; mas não é; porque o homem de juízo não faz caso nem dá contas do seu passado, e não pensa no futuro senão para perpetuar e multiplicar por todos e quaisquer meios os gozos que está fruindo: os gozos que desfrutou são bagaços de frutos que deitou fora, os que está gozando representam a verdadeira vida, os que há de gozar são frutos que estão amadurecendo, e por peior que corra o tempo, sempre escapa alguma fruta, que perpetua o gozo.

Não pensem que esta filosofia é minha só: não! É de uma escola filosófica muito nobre, elevada e prestigiosa: o chefe da escola é o governo do Brasil.

O governo não o diz por modéstia; mas os fatos, a vida e o proceder constante, refletido, sábio dessa entidade política que chamamos governo, triunfam dos véus da sua modéstia, e patenteiam a verdade.

Digam-me os que duvidarem: já houve no Brasil governo que aproveitasse as chamadas lições do passado, e que compreendesse e criasse uma série de medidas que tivessem relação com o futuro?

Há uns dezoito anos que o governo do Brasil resol-

veu acabar e acabou definitivamente com o tráfico de africanos-escravos,¹² único viveiro de braços para a agricultura, e em dezoito anos não soube fazer cousa alguma, não adiantou ideia para realizar a colonização ou a emigração supridora dos braços que deviam faltar, que foram faltando, que cada dia faltam mais. Em dezoito anos nada! — *de dez vai um e oito nove e nada*: o governo do Brasil sabe pelo menos a tabuada, que o Tico-tico¹³ ensinava.

É certo que durante esses três lustros e três anos despenderam-se alguns milhares de contos de réis em nome da colonização e da emigração; mas se examinarem bem a verdade dos fatos, hão de todos reconhecer que em resultado de tais despesas o que houve foi simples emigração do dinheiro do tesouro nacional para os bolsos de alguns felizes, que com toda a razão acharam extraordinária utilidade para o país nos colonos-patações, e nas onças emigrantes¹⁴ que povoaram os seus cofres.

Eis aí pois resplendendo ufanosa a escola filosófica do governo: o esquecimento do passado, os gozos do presente, e o descuido e abandono do futuro.

Outro exemplo:

A fonte da riqueza pública no Brasil é quase exclusivamente a agricultura: os vegetais são como os animais sujeitos a moléstias: os nossos dous principais produtos eram o açúcar da cana, e o café: dous só, se adoecessem os dous, ficávamos em maré de miséria: pois bem: o go-

¹² Referência à Lei Eusébio de Queirós, de 4 de setembro de 1850, que extinguia o tráfico negreiro.

¹³ Forma empregada, à época, para designar a escola das primeiras letras.

¹⁴ Chamava-se, então, ao parvo, “patação”, e, ao valentão, “onça”. Mas Macedo parece jogar aqui, também, com o nome da moeda de quarenta réis (pataco) e da antiga moeda de ouro (onça).

verno do Brasil cuidou algum dia da sua vida em explorar, animar, desenvolver alguma outra indústria agrícola? Nem caso! A cana estava dando açúcar, o cafezeiro café, viva la pátria!

E eis senão quando dá o bicho na cana, e a praga no cafezeiro! Estávamos bem aviados!

Mas a Providência Divina teima em acudir ao Brasil: a União Norte-Americana desaba em guerra fratricida,¹⁵ e queima e destrói os algodoeiros do Sul: foi o que valeu: o algodão cobriu os prejuízos da praga do cafezeiro, e do bicho da cana.

Se não fosse a Providência Divina, a sabedoria do nosso governo teria ficado dupla e simbolicamente representada pelo bicho e pela praga.

E tudo isso por quê? Porque o governo do Brasil é filósofo e mestre da escola a que pertenço, e que se funda no esquecimento das lições do passado, nos gozos do presente, e no desprezo dos cuidados do futuro.

Escola sublime! Dói-me que o nosso governo seja apenas o seu atual grão-mestre¹⁶ e não o seu fundador: nesse ponto é a glória única que lhe falta; mas diga-se a verdade: o fundador da escola foi Luís xv,¹⁷ que a iniciou em França, dizendo: “Quem vier atrás, que feche a porta”.

O diabo é que em política no século XIX quem fecha uma porta abre outra, e quando não quer abrir, às vezes o povo arromba.

Mas ainda bem que o nosso governo não é governo de portas, é de janelas: é um governo que não abre, nem fecha, é uma cousa que se parece muito com qualquer outra cousa, exceto com governo.

Misericórdia! e o prólogo?...

¹⁵ Referência à Guerra de Secesão norte-americana (1861-5).

¹⁶ O título do chefe supremo de uma loja maçônica.

¹⁷ Luís xv (1710-74): rei da França de 1715 a 1774, a quem se atribui a frase: “Depois de mim, o dilúvio”.